

AGRICULTURA FAMILIAR E REPRODUÇÃO SOCIAL: CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DE UM GRUPO DE AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES RURAIS DO OESTE DO PARANÁ

Family agriculture and social reproduction: socioeconomic characterization of a group of rural family agroindustries in the west of Paraná

Fabiola Graciele Besen

Bacharel em Ciências Contábeis e Letras. Doutoranda em Desenvolvimento Rural Sustentável pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Docente no curso de Ciências Contábeis/UNIOESTE. Av. Tarquínio Joslin dos Santos, 1300 - Lot. Universitario das Americas, Foz do Iguaçu - PR, 85870-650. abiolagracielebesen@gmail.com

Clério Plein

Graduação em Economia Doméstica. Doutorado em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor Adjunto da UNIOESTE. cleriolein@gmail.com

Juarez Bortolanza

Bacharel em Administração. Doutorado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. juarezbortolanza@gmail.com

Valdir Serafim Junior

Bacharel em Ciências Contábeis. Professor Assistente no Curso de Ciências Contábeis na Unioeste, Campus de Foz do Iguaçu. Doutorando em Desenvolvimento Rural Sustentável. jr_valdir@hotmail.com

Resumo: O artigo tem a finalidade de apresentar as características dos processos de produção e comercialização em um grupo de propriedades rurais que transformam parcial ou totalmente a matéria-prima (agroindustrialização) nos municípios do Oeste do Paraná. A amostra estudada compreende um grupo de 35 agroindústrias familiares rurais situadas na região Oeste do Paraná, cujas informações foram extraídas dos questionários e dos relatórios da Análise das agroindústrias familiares da BP3 efetuada pela Biolabore (Cooperativa de Assistência Técnica do Paraná), pelo Projeto Cultivando Água Boa da Itaipu Binacional, no período de 2015 a 2018. A pesquisa se classifica como descritiva, quanto à tipologia, com abordagem quantitativa e análise documental. A caracterização trata do processo de agroindustrialização familiar, desde a constituição da agroindústria, de mão de obra, potencialidades, problemas enfrentados na atualidade, legislação, produção e origem de matéria-prima, custos e preços, tipos de produtos comercializados e outros dados relevantes para análise. Os resultados indicam que, nos casos estudados, a agroindústria familiar é uma importante estratégia de reprodução social e desenvolvimento rural para esse grupo de agricultores familiares para diversificar as atividades e agregar valor aos empreendimentos agropecuários.

Palavras-chave: agroindústria familiar; desenvolvimento local; Oeste do Paraná.

Abstract: The article aims to present the characteristics of the production and commercialization processes in a group of rural properties that partially / totally transform the raw material (agroindustrialization) in the municipalities of Western Paraná. The studied sample comprises a group of 35 rural family agribusinesses located in the West region of Paraná, whose information was extracted from the questionnaires and reports of the Analysis of the family agribusinesses of BP3 carried out by Biolabore (Cooperative of Technical Assistance of Paraná) by the Cultivando Água Boa da Itaipu Binacional, from 2015 to 2018. The research is classified as descriptive in terms of typology, with a quantitative approach and documentary analysis. The characterization deals with the family agroindustrialization process, from the constitution of the agribusiness, labor, potentialities, problems currently faced, legislation, production and origin of raw material, costs and prices, types of products sold and other relevant data for analysis. The results indicate that in the cases studied, the family agroindustry is an important strategy for social reproduction and rural development for this group of family farmers to diversify activities and add value to agricultural enterprises.

Keywords: family agribusiness, local development. West of Paraná.

1 INTRODUÇÃO

O modelo de desenvolvimento econômico e pacote tecnológico, implantado a partir da década de 1960, chamado de Revolução Verde, trouxe nova organização do meio rural, pautado em uma política homogeneizadora. Esse processo aumentou a produtividade agrícola, mas reduziu a capacidade dos agricultores de organizarem e administrarem sua produção (KARNOOP et al., 2016; SPANEVELLO et al., 2019).

A agricultura familiar sobrevive, num cenário de mercantilização e modernização da agricultura brasileira. Segundo Plein (2010, p. 98), as formas familiares de produção demonstraram resistência, inclusive “na estrutura agrária nos países onde o modo de produção capitalista mais se desenvolveu principalmente no período pós-guerra (1945-1973)”, pela produção de alimentos.

Os estudos relacionados à agricultura familiar rural e às suas estratégias de reprodução afirmam que o funcionamento pleno da unidade produtiva pode não ser o objetivo maior da unidade familiar (NEVES, 1995). Deve-se considerar, ademais, que existe uma organização entre princípios de organização da produção e do trabalho e de projetos familiares resultantes da dinâmica de organização familiar (DEPONTI, 2007).

Dentre os projetos familiares resultantes da dinâmica da organização familiar estão as agroindústrias familiares. A agroindústria familiar rural “é um empreendimento que agrega valor aos produtos primários produzidos pela família ao longo do tempo se transformou em alternativa de complementação de renda dos pequenos produtores rurais” (ANES et al., 2018).

A Agroindústria Familiar Rural para Mior (2005) deriva da Agricultura Familiar, em que parte da produção vegetal e animal é transformada em produtos processados, o que agrega maior valor de comercialização. A lógica da agroindústria familiar é diferente da agroindústria convencional: precisa ser da família, de uma associação ou de uma rede de associações/cooperativas familiares; produzir sua matéria-prima ou adquiri-la em pequena quantidade de agricultores vizinhos; sua mão de obra deve ser predominantemente familiar e apresentar laços de parentesco e sanguíneo, ao longo de gerações.

A agroindústria familiar rural permitiu a valorização dos produtos orgânicos, com denominação de origem e da agricultura familiar, que passaram a ser associados à tradição, à natureza, ao artesanal e ao local – conjunto de valores importantes para o mercado consumidor (WILKINSON, 2003). A partir dessas considerações, este artigo tem a finalidade de apresentar as características dos processos de produção e comercialização em um grupo de propriedades rurais que transformam parcial ou totalmente a matéria-prima (agroindustrialização), nos municípios do Oeste do Paraná. Com base no objetivo geral, definiram-se os objetivos específicos:

- a) caracterizar as propriedades onde se encontram as agroindústrias familiares rurais da amostra;
- b) identificar o processo de produção das agroindústrias familiares rurais;
- c) apresentar o processo de comercialização das agroindústrias familiares rurais.

As informações foram extraídas dos relatórios da análise das agroindústrias familiares da BP3 efetuada pela Biolabore (Cooperativa de Assistência Técnica do Paraná), pelo Projeto Cultivando Água Boa da Itaipu Binacional, no período de 2015 a 2018.

Diversas pesquisas já foram realizadas a respeito do tema, para identificar como as agroindústrias contribuem para a reprodução da agricultura familiar e para o desenvolvimento rural. Trabalhos como os de Amorim e Stadutto (2008), Matei e Silva (2015) e Spanevello et al. (2019) estudaram a importância dos processos de agroindustrialização nas propriedades rurais. Assim, o estudo se justifica pelo papel da agroindústria como uma importante estratégia de reprodução social e desenvolvimento rural para esse grupo de agricultores familiares, contribuindo para a permanência dessas famílias no campo, pela diversificação de atividades produtivas nas propriedades rurais e pela geração de renda extra.

Este artigo encontra-se estruturado, inicialmente, por essa introdução, seguida de uma revisão da teoria sobre agroindústria familiar. Posteriormente, descreve-se a metodologia e as discussões dos resultados encontrados, e, ao término, as considerações finais seguidas das referências pesquisadas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este tópico aborda o panorama do meio rural a partir de uma revisão teórica da agricultura familiar e da agroindústria familiar rural.

2.1 Reprodução socioeconômica da agricultura familiar

O desenvolvimento rural está atrelado, conforme Ramos (2001), à melhoria da qualidade de vida das populações rurais e ao uso da terra, por meio de técnicas sustentáveis ou atividades agropecuárias, sempre voltado à preservação ambiental.

Para Veiga et al. (2001), a presença da agricultura familiar no meio rural brasileiro é essencial, pois uma região rural terá um futuro mais ativo, se a capacidade de diversificação da economia local for impulsionada pelas características de sua agricultura. A FAO estima que “a agricultura familiar é de longe a forma mais prevalente de agricultura no mundo. Estimativas sugerem que ela ocupa cerca de 70-80% das terras agrícolas e produz mais de 80% dos alimentos do mundo em termos de valor” (2014a, p.11).

A agricultura familiar se apresenta como uma alternativa para o homem, mulheres e crianças permanecerem no campo, atrelada a pressupostos de um crescimento econômico, mas com respeito pela natureza, por procedimento de exploração sustentável. Contudo, existem vários tipos de agricultores familiares, os quais procedem com diferentes lógicas de produção, usos distintos de tecnologias e práticas produtivas e sua relação com o mercado (ABRAMOVAY, 2007).

No Censo Agropecuário de 2017, 3.897.408 estabelecimentos atenderam aos critérios da Lei e foram classificados como agricultura familiar, o que representa 77% dos estabelecimentos agropecuários. Ocupam uma área de 81 milhões de hectares, ou seja, 23% da área total dos estabelecimentos agropecuários brasileiros. A agricultura familiar foi responsável por 23% do valor total da produção dos estabelecimentos. Mantém 77% de todo o pessoal ocupado em agropecuária no País, cerca de 10,1 milhões de pessoas (IBGE, 2017).

Um estudo desenvolvido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (2011) “sugere que a agricultura familiar poderá ser decisiva para gerar resiliência ambiental e fortalecer os modos de vida rurais de tal forma que sejam mais sustentáveis e aptos a enfrentar as transformações ambientais geradas pelas mudanças climáticas” (SCHNEIDER, 2016, p.13).

Wilkinson (1999, 2000) tem defendido, em seus estudos, que a agricultura familiar deve participar ativamente na agroindustrialização, uma alternativa que pode ser uma forma de fortalecer sua capacidade de reprodução social. Afirma também que há necessidade de políticas públicas para a agroindustrialização, que abrangem desde o mercado informal até o mercado de nicho, produtos orgânicos e de qualidade diferenciada (MIOR, 2003).

2.2 Agroindústria familiar rural

Uma das formas resultantes da dinâmica da organização familiar é a agroindústria. A agroindústria familiar “é um empreendimento que agrega valor aos produtos primários produzidos pela família e ao longo do tempo se transformou em alternativa de complementação de renda dos pequenos produtores rurais” (ANES et al., 2018, p.110).

Dois fatores levaram ao surgimento da agroindústria familiar: o primeiro fator é de ordem econômica, pois o produtor, quando não consegue comercializar toda a sua produção *in natura*, busca

agregar valor aos produtos por meio da sua transformação. O segundo fator é de ordem social, pois está associado à vontade do produtor de permanecer no campo, buscando o envolvimento de todos os membros da família na produção (RUIZ et al., 2010).

O surgimento das agroindústrias rurais pode ser caracterizado como uma reconfiguração do produto colonial produzido pela agricultura familiar. Esse produto colonial passou a ser processado pelas agroindústrias e se tornou um produto de maior valor, com possibilidade de gerar maior renda para as famílias (MIOR, 2005).

Outros dados censitários revelam que as agroindústrias da agricultura familiar respondem pela maior parcela dos valores agregados à produção associados à transformação dos alimentos. Esse segmento social é responsável por 78,40% da agregação de valor, enquanto as agroindústrias da agricultura não familiar abarcam um percentual de 21,60%. Isso ratifica o peso mais expressivo dos estabelecimentos familiares neste tipo de estratégia de produção agroalimentar, como já mencionado por outros estudos (MIOR, 2005; WILKINSON, 2008; GAZOLLA; PELEGRINI, 2011 apud GAZOLLA et al., 2012).

Prezotto (2002) afirma que a agroindústria familiar faz um resgate dos saberes sociais das unidades de produção familiar, no que se refere ao processamento de alimentos, que, ao longo do tempo, sempre existiu nas propriedades rurais, mas esse método de processamento de alimentos foi sendo esquecido durante o processo de modernização da agricultura.

Outros aspectos da agroindústria familiar consistem em: localização no meio rural, as máquinas e os equipamentos utilizados em escala menor, a matéria-prima (origem animal ou vegetal) própria ou vinda de vizinhos, a produção artesanal e o trabalho realizado pelos próprios membros familiares, com esporádica mão de obra externa. Os produtores também se reúnem por meio de empreendimentos associativos (MIOR, 2005).

A agregação de valor na agroindústria rural também está diretamente associada ao uso de insumos produtivos, o que demonstra o potencial da atividade na redução da dependência de recursos e agentes externos. O uso de matéria-prima própria, nos estabelecimentos da agricultura familiar é “igual ou superior a 75%, alcançando proporções equivalentes a 91% para a produção de rapadura, 90% para a farinha de mandioca, 89% para queijos, e quando a matéria prima é comprada, geralmente isto ocorre em circuitos de proximidade que alimentam relações comunitárias” (BASTIAN et al., 2014, p. 65).

Conforme Bonamigo e Schneider (2007), é possível destacar algumas características comuns na maioria das unidades agroindustriais: as agroindústrias utilizam pouco espaço físico para a fabricação dos produtos; a produção das agroindústrias está voltada, sobretudo, a mercados locais; os membros da família, na maioria dos casos, estão envolvidos na produção, mostrando que a mão de obra geralmente é familiar; os fatores de produção são baseados na prática agropecuária; os conhecimentos de transformação dos produtos foram adquiridos mediante experiências e práticas deixadas pelos antepassados, transmitidos e aperfeiçoados a cada nova geração. Em relação a geração de empregos:

A agroindústria é uma das principais geradoras de empregos diretos e indiretos por unidade de capital investido. Dados do Departamento Econômico do BNDS e do IBGE mostram claramente esta característica no caso brasileiro, onde, para cada milhão de dólar investido, os empreendimentos agropecuários e agroindustriais chegam a gerar 118 a 182 empregos, cerca de 80% a mais de que os investimentos em um segmento tradicionalmente intenso em ocupação de mão-de-obra, como o setor comercial” (TRENTIN, 2001, p.13).

No Brasil, conforme o Censo Agro 2017 (IBGE 2017), existem 215.226 estabelecimentos agropecuários da agricultura patronal com agroindústrias, e, na agricultura familiar, esse valor chega a 1.311.830 estabelecimentos com agroindústria rural. O valor da produção é de R\$ 8.475.295,00 para a agricultura patronal e R\$ 6.351.512,00, na agricultura familiar. Segundo Fernandes Filho

e Campos (2003, p. 871), “a região que apresenta maior diversidade de produtos da agroindústria rural é a região Sul”.

No estado do Paraná, conforme o Censo Agro 2017 (IBGE, 2017), o número de agroindústrias não familiares que existem nos estabelecimentos agropecuários corresponde a 8.413 unidades, e, na agricultura familiar, esse número sobe para 34.502 agroindústrias familiares rurais. O valor de produção nas agroindústrias não familiares é de R\$ 394.049,00 e nas agroindústrias familiares é de R\$ 322.056,00.

A partir de meados da década de 90, o Brasil passou a considerar a agroindústria familiar rural como uma eficiente estratégia para o desenvolvimento rural, e, assim, observou-se crescimento significativo na oferta de produtos agroindustrializados, advindos de feiras livres, cooperativas e associações de produtores ligadas aos agricultores familiares e vendas diretas aos consumidores (MALUF, 2009, CARVALHEIRO, 2010).

A agroindústria familiar, ao ser valorizada no meio rural, passa a ser uma estratégia de reprodução social, pois traz oportunidades de agregação de valor na produção das famílias rurais, gerando renda e empregos àqueles produtores que optam pelas atividades de transformação das matérias-primas que já produzem (PELEGRINI; GAZZOLA, 2008). Este estudo busca apresentar essas características nesse grupo de 35 agroindústrias familiares rurais situadas na região Oeste do Paraná.

2.3 Estudos anteriores

Amorim e Stadutto (2008) objetivaram analisar a organização da produção da agroindústria rural familiar como estratégia de desenvolvimento rural. A agroindustrialização de alimentos se apresenta como uma alternativa para as famílias pluriativas, por meio do aumento da renda familiar na região Oeste do Paraná. A complexidade da problemática rural fez avançar a discussão das estratégias convencionais do desenvolvimento rural, as quais não diminuíram a pobreza no meio rural, para o enfoque territorial do desenvolvimento rural. Utilizou-se, neste trabalho, a perspectiva teórica das redes para a análise do desenvolvimento rural. Os resultados mostram que as redes horizontais no Oeste do Paraná são ainda incipientes, mas estas têm tido adesão de produtores rurais, que apresentaram bons resultados no desenvolvimento de suas atividades e de seu potencial de crescimento.

Matei e Silva (2015) realizaram um estudo que analisa 10 casos empíricos de agroindústrias familiares na Serra Gaúcha como uma atividade inovadora que incentiva a autonomia e contribui para a melhoria da qualidade de vida e para a manutenção das famílias nos espaços rurais no Brasil. O estudo destaca como certos programas e políticas públicas têm resultado em um ambiente institucional favorável à agricultura familiar, em nível nacional e estadual. Apresenta como estes agricultores realizam processos inovadores, otimizando o uso dos seus recursos disponíveis (terra, trabalho familiar, conhecimento). Como resultados, mostra a interação destes agricultores familiares com o ambiente institucional, que favorece e melhora estas práticas, inserindo-os em um sistema agroalimentar alternativo local.

Dotto et al. (2018) buscaram em seu estudo identificar alguns conceitos que norteiam a agricultura e a agroindústria familiar com base na pequena propriedade. Concluíram que a pequena propriedade serve de base para a agricultura familiar, que precisa de qualificação para produzir com sustentabilidade; ainda deve ter condições para que a agricultura e a agroindústria familiar rural possam gerenciar sua atividade, efetuar controles de custos e despesas, evitar desperdícios e perdas, aproveitar as oportunidades e alternativas de produção nos diversos setores da economia. Concluiu-se que estão sendo ampliadas as oportunidades para a agricultura e a agroindústria familiar rural, pois está crescendo a demanda por produtos desta natureza.

Spanevello et al. (2019) buscaram analisar – em um caso específico – a importância dos processos de agroindustrialização nas propriedades rurais que transformam parcial ou totalmente a matéria-prima, para responder: qual é a importância dos processos de agroindustrialização nas

propriedades rurais? Como as Agroindústrias Rurais Familiares (ARFs) promovem a reprodução socioeconômica da unidade familiar? O contexto empírico de pesquisa envolveu os municípios de Santo Augusto e Campo Novo/RS, no período de dezembro de 2017. A metodologia consistiu em um estudo de caso com quatro ARFs definidas como agroindústria A (processadora de melado), agroindústria B (de embutidos), agroindústria C (de mandioca) e agroindústria D (de panificados). Os resultados demonstraram que as ARFs surgem como novas práticas de desenvolvimento rural, na medida em que garantem a permanência das famílias no campo, principalmente jovens e mulheres. É utilizada pelos agricultores como uma estratégia de renda complementar, agregação de valor aos produtos e diversificação por meio de atividades pluriativas, na busca por maior qualidade de vida da família. As ARFs também contribuem diretamente com o desenvolvimento socioeconômico local, preservando a cultura e as tradições, uma vez que seus produtos são comercializados no município (em supermercados, escolas, feiras, entre outros).

Esses estudos demonstraram que a agroindústria é uma estratégia para aumentar a renda, favorecer a permanência da família no campo e ampliar as oportunidades para a agricultura e a agroindústria familiar rural, pelo crescimento da demanda por produtos desta natureza.

3 METODOLOGIA

No primeiro momento, a pesquisa se classifica como bibliográfica, que, segundo Gil (2010), é elaborada com base em materiais já publicados (teses, dissertações, artigos) e foi utilizada para o levantamento da base conceitual dos estudos similares relacionados ao tema.

Com relação às características do campo de observação, torna-se necessária a utilização da pesquisa descritiva, que, na concepção de Gil (2010), busca descrever características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relação entre as variáveis. Assim, foi possível descrever as características dos fenômenos que ocorrem no campo de observação, que, nesta pesquisa, são as agroindústrias.

A abordagem se consubstancia em abordagem quantitativa de dados socioeconômicos secundários, pois houve tabulação de dados de um questionário. O questionário foi preenchido pelos proprietários de 128 agroindústrias do Oeste do Paraná e foi efetuado pela Biolabore (Cooperativa de Assistência Técnica do Paraná), pelo Projeto Cultivando Água Boa da Itaipu Binacional, no período de 2015 a 2018.

O questionário disponibilizado pela Biolabore é extenso e traz informações socioeconômicas sobre propriedade e agroindústria, instalações, produção, acesso à informação, destinação de resíduos, espaço de comercialização, dificuldades encontradas, diferenciais dos produtos comercializados e renda. No estudo, foram caracterizados os dados das propriedades, o processo de agroindustrialização familiar, desde a constituição da agroindústria, da mão de obra, das potencialidades, dos problemas enfrentados na atualidade, da legislação, da produção e da origem de matéria-prima, dos custos e dos preços, dos tipos de produtos comercializados e de outros dados relevantes.

A pesquisa se classifica como documental, que é muito parecida com a bibliográfica, mas é diferente na natureza das fontes, pois, enquanto a pesquisa bibliográfica utiliza, fundamentalmente, as contribuições de vários autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental baseia-se em materiais que não receberam nenhum tratamento científico ou que podem ser reelaborados, de acordo com os objetivos da pesquisa (MARCONI; LAKATOS, 2010).

Os dados utilizados na pesquisa são as informações extraídas dos questionários e dos relatórios da Análise Socioeconômica de 128 agroindústrias familiares da BP3, efetuada pela Biolabore (Cooperativa de Assistência Técnica do Paraná), pelo Projeto Cultivando Água Boa da Itaipu Binacional, no período de 2015 a 2018. A amostra, nesse estudo, contempla 35 agroindústrias familiares. Limita-se a esse número de 35 agroindústrias, pois foram os documentos disponibilizados no período pela BIOLABORE para os autores do estudo.

4 CARACTERIZAÇÃO DAS AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES

Este capítulo constitui-se num levantamento de dados, com o objetivo de fornecer uma caracterização das agroindústrias familiares de algumas localidades do Oeste do Paraná (Céu Azul, Entre Rios do Oeste, Guaíra, Matelândia, Medianeira, Pato Bragado, São Pedro do Iguaçu e Vera Cruz do Oeste). Caracteriza-se como um estudo descritivo das informações extraídas dos questionários e dos relatórios da Análise Socioeconômica das agroindústrias familiares da BP3, efetuada pela Biolabore (Cooperativa de Assistência Técnica do Paraná), pelo Projeto Cultivando Água Boa da Itaipu Binacional, no período de 2016 a 2018.

Conforme o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA, 2008), a agricultura familiar no Oeste do Paraná corresponde a 75% dos estabelecimentos agrícolas, fator importante que levou a escolha da região para a pesquisa.

4.1 Painel da Região Oeste do Paraná

O território da Região Oeste do Paraná, situado no terceiro planalto paranaense, limita-se ao sul, pelo Rio Iguaçu, com a região sudoeste; ao norte, pelo Rio Piquiri, com a região noroeste; a leste pelo Rio Guarani, com a Região de Pitanga e Campo Mourão, e a oeste, pelo Rio Paraná, estabelecendo fronteira com as repúblicas do Paraguai e da Argentina. Abrange uma área de 2.290.859 ha, que corresponde a 11,5% do território estadual. Possui 50 municípios, dentre os quais se destacam: Cascavel, Foz do Iguaçu e Toledo, em função de suas dimensões populacionais e níveis de polarização (IPARDES, 2019).

Os municípios estudados fazem parte do eixo Foz do Iguaçu x Guaíra, Foz do Iguaçu x Cascavel. Conforme a Tabela 1, que traz a caracterização dos municípios quanto a sua colonização, identifica-se a predominância de alemães e italianos, oriundos dos estados de Rio Grande do Sul e Santa Catarina (IPARDES, 2019).

Tabela 1 – Identificação dos municípios do Oeste do Paraná

Município	Área Km ²	Emancipação	Colonização predominante	População total	População urbana	Urbano %	População rural	Rural %	IDH 2010
CÉU AZUL	1.180,163	1968 MATELÂNDIA	Alemã, Italiana (RS, SC)	11.709	8.387	71,63	2.645	28,37	0,732
ENTRE RIOS DO OESTE	120,327	1993 MAL CDO RONDON	Alemã, Italiana (RS, SC)	4.481	2.642	58,96	1.284	41,04	0,761
GUAÍRA	568,845	1952 FOZ DO IGUAÇU	Diversas Etnias	32.923	28.206	85,67	2.498	14,33	0,724
MATELÂNDIA	642,030	1961 (FOZ DO IGUAÇU)	Alemã, Italiana (RS, SC)	17.775	11.613	65,33	4.465	34,67	0,725
MEDIANEIRA	325,167	1961 FOZ DO IGUAÇU	Alemã, Italiana (RS, SC)	45.812	37.390	81,62	4.427	18,38	0,763
PATO BRAGADO	136,781	1993 MAL CDO RONDON	Alemã, italiana (RS, SC)	5.535	2.993	54,07	1.829	45,93	0,747
SÃO PEDRO DO IGUAÇU	308,123	1993 TOLEDO	Alemã, italiana (RS, SC), Mineiros e nordestinos	5.976	4.055	67,85	2.436	32,15	0,683
VERA CRUZ DO OESTE	326,398	1983 CÉU AZUL	Norte do Paraná	8.590	6.863	79,90	2.110	20,10	0,699
TOTAL	3.607,83	–	–	132.801	102.149	76,91	21.694	23,09	–

Fonte: IPARDES, 2019, adaptado pelos autores.

Atualmente, a região Oeste se destaca no cenário internacional, devido a sua localização, apresentando uma relação socioespacial diferenciada, tanto pelo fluxo econômico de fronteira quanto pela reconfiguração do território, ocasionada pela construção da Usina de Itaipu, que modificou a paisagem, as relações econômicas regionais e sociais, destacando o recebimento de *royalties* pelos municípios lindeiros, que representa fonte de investimento para ações que visem ao desenvolvimento socioeconômico (CASAGRANDE; DE SOUZA, 2013).

4.2 Caracterização das agroindústrias familiares

Neste tópico, foram caracterizadas as agroindústrias familiares da pesquisa. A amostra pesquisada (35 agroindústrias familiares) pertence a famílias que residem no meio rural e desenvolvem atividades agrícolas e não agrícolas dentro ou fora da propriedade, consideradas pluriativas. Cabe ressaltar que as atividades realizadas pelas famílias sugerem a necessidade de alocação do trabalho da agropecuária e a atividade de agroindustrialização, tanto que – na quase totalidade das propriedades pesquisadas – se observam membros da família desempenhando as duas atividades.

Na tabela 2, abaixo, encontram-se os dados da área e o domínio dos proprietários das agroindústrias familiares. Para classificação das unidades de agricultura familiar, foi considerado o conceito de agricultura familiar conforme a Lei nº 11.326/2006, também conhecida como “Lei da Agricultura Familiar”, criada em 2006, que considera agricultor familiar:

... aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo simultaneamente, aos seguintes requisitos: I não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais; II utilize predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; III tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento; IV dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família.

A maior parte das propriedades (82% da amostra) está entre 01 e 20 ha, classificando-se como agricultura familiar. Apenas 2 propriedades ultrapassam o limite considerado como agricultor familiar.

Tabela 2 – Tamanho e domínio legal das propriedades de 35 agroindústrias familiares (2015-2018)

Tamanho da área da propriedade em Ha	Domínio legal da área da propriedade		
	Áreas próprias	Áreas Cedidas de terceiros	Total
Até 01 ha	8	0	8
De 02 a 10 ha	9	1	10
De 11 a 20 ha	10	0	10
De 21 a 30 ha	2	0	2
De 31 a 40 ha	2	0	2
De 41 a 50 ha	1	0	1
Acima de 71 ha	2	0	2
TOTAL	34	1	35

Fonte: Dados da pesquisa.

Esse aspecto foi identificado no estudo de Amorin e Staduto (2007), no Oeste paranaense, em que 72,5% das propriedades com agroindústrias analisadas têm até 20 ha e 80% continuaram com a mesma quantidade de terra, a partir da industrialização da produção nos domicílios.

As agroindústrias familiares possuem as mais variadas atividades agroindustriais e comercializam seus produtos de diversas maneiras. Como agroindustrialização, compreende-se o beneficiamento, o processamento e/ou a transformação dos produtos provenientes de explorações agrícolas, extrativistas, florestais, pecuárias, pesqueiras e aquícolas. O processo pode ser simples, como: secagem, classificação, limpeza e embalagem, até processos mais complexos, como: extração de óleos, fermentação, caramelização. O artesa-

nato também pode ser incluído, já que, na maioria das vezes, é fabricado no meio rural (SILVA; GILES, 1998).

O número de agroindústrias familiares por município encontra-se na Tabela 3. Pode-se observar que o município de Medianeira se destaca pela quantidade total de agroindústrias familiares (15), demonstrando o potencial empreendedor desses agricultores.

Tabela 3 – Número de agroindústrias familiares por município (2015-2018)

Municípios	Número de Agroindústrias familiares	Porcentagem
CÉU AZUL	2	5,7
ENTRE RIOS DO OESTE	3	8,6
GUAÍRA	3	8,6
MATELÂNDIA	2	5,7
MEDIANEIRA	15	42,9
PATO BRAGADO	5	14,3
SÃO PEDRO DO IGUAÇU	3	8,6
VERA CRUZ DO OESTE	2	5,7
TOTAL	35	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto ao tamanho das agroindústrias familiares, identificou-se que a maior parte (71%) está na faixa de 01 a 99 m², 22,9 % estão na faixa de 100 a 199 m² e 5,7 do total está na faixa de 200 a 299 m². São espaços pequenos, e, do total de 35, 26 já são de alvenaria, edificação específica ao segmento (processamento), de acordo com normativas vigentes. Como, em sua grande maioria, os espaços são pequenos, cabe uma análise sobre as condições financeiras, o cenário situacional de cada família e as potencialidades de continuação perante as atividades, entre outros fatores.

Identificou-se que 15 agroindústrias familiares possuem apenas dois membros na propriedade e 09 possuem apenas 03 membros, totalizando um percentual de 68,6% da amostra. Pode-se inferir que a família está estruturada apenas em marido e esposa, com 01 ou

02 filhos, no máximo, já que 17,1% possuem 04 membros na propriedade. Essas três faixas (2,3,4 membros) totalizam 85,7% da amostra.

As agroindústrias familiares ou rurais de pequeno porte possuem características distintas de uma média ou grande empresa do setor agroalimentar, especialmente por tratar de uma atividade fundamentada na diversificação, multifuncionalidade e na verticalização dos processos produtivos. Além disso, busca redução dos custos e competitividade nos mercados para a garantia da reprodução da sua estrutura familiar. Como vantagem competitiva, possuem os direitos de propriedade sobre os principais inputs, ou seja, sobre os principais recursos necessários ao processo produtivo (terra, trabalho familiar e conhecimento). (MATEI; SILVA, 2015, p.12)

A agroindústria contrata mão de obra terceirizada, mas apenas 22,9% da amostra fazem uso dessa mão de obra, já que, do total de tempo dedicado à agroindustrialização, 57,1% da amostra responderam que trabalham em tempo integral na atividade e 40%, que trabalham parcialmente. Dois fatores podem contribuir para a contratação dessa mão de obra: poucos membros da família na propriedade ou períodos de sazonalidade, em que aumenta o trabalho no processo de produção e industrialização.

4.3 Caracterização do processo de produção das agroindústrias familiares rurais

Ao implantar uma agroindústria, o agricultor passa a atuar em duas importantes etapas da cadeia produtiva: os setores primário e secundário, pois ele produz e industrializa parte de sua produção (PREZOTTO, 2002).

A Tabela 4 apresenta o levantamento dos tipos de produtos industrializados nas agroindústrias familiares, indicando as frequências com que foram citados durante a aplicação do questionário/ca-

racterização. Identificou-se uma diversidade da produção nestas agroindústrias familiares, que, em diversos casos, atuam em mais do que um segmento, aproveitando a matéria-prima disponível na propriedade e um saber fazer local que decorre de conhecimentos herdados das gerações passadas.

Segundo Marsden (1998), esse modelo artesanal de produção (cultura e saber local adquirido) desprezado pelo processo de modernização agrícola, começa a ser visto como uma oportunidade de mercado identificada e uma fonte de renda alternativa para as propriedades, embora uma das dificuldades apresentadas por Gazolla (2017) é manter o fornecimento de alguns alimentos durante o ano todo, devido à estacionalidade da produção.

Dentre os produtos contidos na Tabela 3, a panificação destaca-se em 15 agroindústrias familiares; em segundo lugar, destacam-se as massas, em 07 agroindústrias familiares, e a produção de cachaça, em 05 propriedades. Por município, destaca-se a produção de cachaça e açúcar mascavo no município de Medianeira, com 4 e 3 ocorrências, respectivamente. Nas agroindústrias familiares, destaca-se que o processo é feito manualmente, em pequena escala, e a oferta é de produtos diferenciados do mercado convencional.

Tabela 4 – Produtos versus município das 35 agroindústrias familiares (2015-2018)

		Município								Total
		CA	ERO	GUA	MAT	MED	PB	SPI	VCO	
Açúcar mascavo	Contagem	0	0	0	0	3	0	0	0	3
	% Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	8,6%	0,0%	0,0%	0,0%	8,6%
Cachaça	Contagem	1	0	0	0	4	0	0	0	5
	% Total	2,9%	0,0%	0,0%	0,0%	11,4%	0,0%	0,0%	0,0%	14,3%
Conserva de hortaliças	Contagem	0	0	1	1	0	1	0	0	3
	% Total	0,0%	0,0%	2,9%	2,9%	0,0%	2,9%	0,0%	0,0%	8,6%
Derivados de amendoim	Contagem	0	2	0	1	1	1	0	0	5
	% Total	0,0%	5,7%	0,0%	2,9%	2,9%	2,9%	0,0%	0,0%	14,3%
Derivados de milho	Contagem	0	0	0	0	1	0	0	0	1
	% Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	2,9%	0,0%	0,0%	0,0%	2,9%
Doces, geleias e schimiers	Contagem	0	0	1	1	1	0	0	0	3
	% Total	0,0%	0,0%	2,9%	2,9%	2,9%	0,0%	0,0%	0,0%	8,6%
Embutidos de carne	Contagem	0	0	0	0	0	2	0	0	2
	% Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	5,7%	0,0%	0,0%	5,7%
Massas	Contagem	0	1	0	0	2	1	2	1	7
	% Total	0,0%	2,9%	0,0%	0,0%	5,7%	2,9%	5,7%	2,9%	20,0%
Mel	Contagem	0	0	0	0	0	0	0	1	1
	% Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	2,9%	2,9%
Panificados	Contagem	1	3	1	1	3	2	2	2	15
	% Total	2,9%	8,6%	2,9%	2,9%	8,6%	5,7%	5,7%	5,7%	42,9%
Sucos e polpas	Contagem	0	0	1	0	2	1	0	0	4
	% Total	0,0%	0,0%	2,9%	0,0%	5,7%	2,9%	0,0%	0,0%	11,4%
Derivados de carnes e embutidos	Contagem	0	0	0	0	0	2	0	0	2
	% Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	5,7%	0,0%	0,0%	5,7%
Frango	Contagem	0	0	0	0	1	1	0	0	2
	% Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	2,9%	2,9%	0,0%	0,0%	5,7%

		Município								Total
		CA	ERO	GUA	MAT	MED	PB	SPI	VCO	
Queijo	Contagem	0	0	0	0	0	1	0	0	1
	% Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	2,9%	0,0%	0,0%	2,9%
Caldo de cana	Contagem	0	0	0	0	0	0	1	0	1
	% Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	2,9%	0,0%	2,9%
Mandioca	Contagem	0	0	0	0	1	0	0	0	1
	% Total	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	2,9%	0,0%	0,0%	0,0%	2,9%
TOTAL	Contagem	2	3	3	2	15	5	3	2	35
	% Total	5,7%	8,6%	8,6%	5,7%	42,9%	14,3%	8,6%	5,7%	100,0%

Fonte: Dados da pesquisa.

A produção trata da quantidade e do que produzir, além do espaço disponível e público-alvo. Assim, “para agregar valor ao produto, deve-se evidenciar aspectos como qualidade, padronização, seleção, processo de produção, bem como a incorporação de etapas simples, de pré-processamento, conservação, limpeza ou embalagem” (SCHINAIDER et al., 2018).

Segundo Wilkinson (1999), os produtos da agroindústria familiar são resultado de um saber fazer tradicional, transmitido pelas gerações, ou de um saber adquirido por cursos e/ou, ainda, de uma oportunidade de mercado. A qualidade desses produtos advém do saber/fazer, do conhecimento adquirido e das condições climáticas existentes no território dessas agroindústrias, o que torna o produto diferenciado em relação a sabor, aroma e cores. Ocorre, também, uma interface entre o saber/fazer e os conhecimentos adquiridos com os cursos, principalmente na área de manipulação de alimentos, higiene e melhores condições de produção, viabilizando maior produtividade e resultando em um produto diferenciado.

Tabela 5 – Capacitação e Cursos feitos pelas 35 agroindústrias familiares (2015-2018)

Tipos de Cursos	Respostas		Porcentagem de casos
	N	Porcentagem	
Boas Práticas de Fabricação	21	42,9%	60,0%
Bebidas	1	2,0%	2,9%
Conservas	3	6,1%	8,6%
Cultivo de Morango	1	2,0%	2,9%
Produtos Lácteos	3	6,1%	8,6%
Doces	2	4,1%	5,7%
Higiene/manipulação de alimentos	6	12,2%	17,1%
Hortaliças	1	2,0%	2,9%
Panificação	7	14,3%	20,0%
Produtos orgânicos	1	2,0%	2,9%
Não teve	3	6,1%	8,6%
TOTAL	49	100,0%	

Fonte: Dados da pesquisa.

Obs: O número de citações é maior que o número de agroindústrias, devido às respostas múltiplas.

Na Tabela 5, estão apresentados os dados referentes à participação de cursos na área de alimentos, e a grande maioria dos entrevistados (93%) já participou de algum tipo de curso; dentre os mais citados, estão: Boas Práticas de Fabricação (42,9%), cursos de panificados (14,3%) e Higiene/manipulação de alimentos (12,2%), o que demonstra a importância de atualização para melhorar a produção e proporcionar alimentos seguros à saúde do consumidor, já que o processo de produção de alimentos exige o cumprimento de regras que garantem qualidade e maior segurança dos alimentos produzidos por qualquer empreendimento alimentar.

O processo de produção de alimentos exige o cumprimento de regras que garantem qualidade e maior segurança dos alimentos produzidos por qualquer empreendimento alimentar. Em relação a busca de capacitação, “a busca pelo conhecimento técnico-conceitual é relevante para o sucesso das agroindústrias familiares no ambiente competitivo e no meio rural” (ANES, 2017 apud SCHINAIDER et al., 2018, p. 23).

É de extrema importância que os alimentos que chegam, diariamente, à mesa dos consumidores sejam inócuos e preservem a saúde. Desta forma, a implantação do programa de Boas Práticas de Fabricação (BPF), que visa ao fornecimento de alimentos mais seguros, deve ser adotada pelas agroindústrias familiares. Uma das perguntas do questionário refere-se ao conhecimento das Boas Práticas de Fabricação nas 35 agroindústrias, e, conforme a Tabela 6, 30 agroindustriais responderam ter conhecimento sobre elas, representando 85,7 % da amostra. No questionamento sobre Conhecimento e importância das Boas Práticas de Fabricação, 85,7% responderam afirmativamente, considerando importantes as BPF.

Tabela 6 – Boas Práticas de Fabricação das 35 agroindústrias familiares (2015-2018)

Conhecimento das Boas Práticas de Fabricação	Frequência	%	Considera importantes as Boas Práticas de Fabricação?	Frequência	%
Sim	30	85,7	Sim	30	85,7
Não	5	14,3	Não respondeu	5	14,3
Total	35	100,0	Total	35	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

Na Tabela 7, consta que, quando questionados sobre os motivos para seguir as BPF, 68% da amostra afirmaram que a segurança alimentar é o principal motivo para seguir as BPF, o que corrobora o objetivo das BPF, um manual que traz o cumprimento de regras que garantem qualidade e maior segurança dos alimentos produzidos por qualquer empreendimento alimentar.

Tabela 7 – Ação às Boas Práticas de Fabricação e Atitudes Importantes de 35 agroindústrias familiares (2015-2018)

Motivos para seguir as BPF	Número de Respostas e %	Porcentagem de casos	Atitudes importantes para a Agroindústria	Número de Respostas e %	Porcentagem de casos
Mudança comportamento	1 2,40%	2,90%	Higiene	30 41,70%	85,70%
Segurança alimentar	24 58,50%	68,60%	Qualidade do produto	2 2,80%	5,70%
Manipulação de alimentos	1 2,40%	2,90%	Boa vontade	1 1,40%	2,90%
Qualidade	5 12,20%	14,30%	Utilização EPIs	22 30,60%	62,90%
Confiabilidade	1 2,40%	2,90%	Asseio Pessoal	4 5,60%	11,40%
Consciência Social	1 2,40%	2,90%	Limpeza dos equipamentos	5 6,90%	14,30%
Higiene	2 4,90%	5,70%	Matéria-prima de boa qualidade	2 2,80%	5,70%
Evitar Contaminações	1 2,40%	2,90%	Sanidade Animal	1 1,40%	2,90%
Não respondeu	5 12,20%	14,30%	Higiene e manipulação de alimentos	4 5,60%	11,40%
			Manutenção	1 1,40%	2,90%
TOTAL	41 100,00%			72 100,00%	

Fonte: Dados da pesquisa.

Obs: O número de citações é maior que o número de agroindústrias, devido às respostas múltiplas.

Ainda em relação à Tabela 7, os entrevistados foram questionados a respeito das atitudes importantes que a agroindústria familiar deve ter, e a resposta sobre higiene alcançou o maior percentual (47,30% das respostas), e, do total da amostra, 97% dos produtores apontaram esse quesito. A utilização de EPIs (equipamentos de proteção individual) foi a segunda opção mais citada (30,6 % das res-

postas e 62,9% dos entrevistados). Ao fortalecer esses aspectos da qualidade dos produtos da agricultura familiar, torna-se possível construir uma imagem mais positiva e agregar mais valor ao produto.

Quanto ao esclarecimento de dúvidas em relação ao processo de produção, identificou-se, conforme a Tabela 8, que o acesso à Internet foi a alternativa mais citada, em 30,2% dos casos. Em segundo lugar, encontra-se a Assistência Técnica (27,9%). Se se somarem as alternativas Assistência Técnica, Emater e Órgãos Públicos, o percentual total é de 37%, demonstrando que essas instituições se encontram presentes nas agroindústrias.

Tabela 8 – Fonte dos Processos de Produção das 35 agroindústrias familiares (2015-2018)

Fonte dos Processos de Produção	Respostas		Porcentagem de casos
	Número de respostas	Porcentagem	
Pesquisa em material	3	7,0%	8,6%
Internet	13	30,2%	37,1%
Assistência Técnica	12	27,9%	34,3%
Associação	1	2,3%	2,9%
Emater	3	7,0%	8,6%
Vigilância	1	2,3%	2,9%
Outros empresários do ramo	2	4,7%	5,7%
Prefeitura	1	2,3%	2,9%
Órgãos Públicos	1	2,3%	2,9%
Não houve dúvidas	6	14,0%	17,1%
TOTAL	43	100,0%	-

Fonte: Dados da pesquisa.

Obs: O número de citações é maior que o número de agroindústrias, devido às respostas múltiplas.

4.4 Caracterização do processo de comercialização das agroindústrias familiares rurais

Pode-se fortalecer a agricultura familiar agregando valor aos seus produtos. Isso pode ocorrer de diversas formas, e as principais estão “relacionadas ao desenvolvimento e comercialização de produtos que destaquem: o caráter social da agricultura familiar, o território, sabor e características diferenciadas do processo artesanal de produção” (BATALHA et al., 2005, p.3).

Dessa forma, a agroindústria familiar passa a ser uma estratégia de reprodução social, na busca por mais receitas e complementação da renda, através da agregação de valor de seus produtos, oportunizando empregos aos membros da família, pois optam por transformar as matérias-primas que já produzem (PELEGRINI; GAZZOLA, 2008).

Com relação ao conhecimento dos custos de produção, a falta de conhecimento em relação às técnicas de gestão do processo produtivo pelos produtores familiares é uma das dificuldades da agroindústria familiar da amostra, já que 71,4% afirmaram não conhecer todos os custos que envolvem a produção.

Em relação à base de cálculo do preço de venda, conforme a Tabela 9, a opção com mais respostas é o custo do produto (48,8%), seguido da concorrência. Isso demonstra que há dificuldades para compor o preço de venda, pois 71,4% dos produtores afirmaram não conhecer os custos dos produtos, e a Tabela 8 traz o custo do produto, seguido do preço da concorrência como as opções mais utilizadas para compor o preço de venda.

Tabela 9 – Base para formar o preço de venda de 35 agroindústrias familiares (2015-2018)

Base de Cálculo Preço Venda	Respostas		Porcentagem de casos
	Número	Porcentagem	
Concorrência	10	24,4%	28,6%
Custo produto + mão de obra	1	2,4%	2,9%
Custo do produto	20	48,8%	57,1%
Custo total com imposto	1	2,4%	2,9%
Preços ofertados pelos programas	7	17,1%	20,0%
Valor de mercado	2	4,9%	5,7%
TOTAL	41	100,0%	

Fonte: Dados da pesquisa.

Obs: O número de citações é maior que o número de agroindústrias, devido às respostas múltiplas.

Segundo Gazolla (2017), uma das dificuldades do proprietário da agroindústria é gerir toda a cadeia de produção (produção de matérias-primas – processamento – mercados – administração do negócio). É importante que o produtor conheça o fluxo financeiro da agroindústria (investimento em capital fixo, custos e despesas, receita bruta), para agregar valor ao seu produto, bem como competir com produtos já existentes no mercado (SCHINAIDER et al., 2018).

Na tabela 10, encontram-se as percepções mais apontadas pelos produtores em relação ao diferencial do produto fabricado. A característica mais apontada é o sabor do produto, com 30%, seguido da forma de produção e aparência do produto, com 7% cada uma.

Os resultados reafirmam os achados no estudo de Spanevello et al. (2019), que identificaram que as opções mais marcadas pelos entrevistados foram: qualidade, sabor e aparência dos produtos, pois eles são produzidos de forma tradicional, sem a adição de produtos químicos, que garantem os seus atributos naturais.

Dessa forma, os produtos advindos das agroindústrias familiares se diferenciam por um conjunto de características ecológicas, sociais, culturais, artesanais, nutricionais, que são incorporadas ao produto, materializando a sua diferenciação, numa associação com o local de sua produção e o saber fazer dos produtores ou adquirindo das instituições competentes, o que confere um sabor peculiar, apreciado por uma fatia cada vez maior de consumidores (MDA, 2004).

Tabela 10 – Diferencial dos produtos fabricados de 35 agroindústrias familiares (2015-2018)

Diferencial dos produtos fabricados	Respostas		Porcentagem de casos
	Número de respostas	Porcentagem	
Aparência do produto	7	10,0%	20,0%
Produto Artesanal	4	5,7%	11,4%
Embalagem diferenciada	2	2,9%	5,7%
Forma de produção	7	10,0%	20,0%
Higiene	3	4,3%	8,6%
Matéria-prima de boa qualidade	6	8,6%	17,1%
Sem risco de contaminação	2	2,9%	5,7%
Sem conservantes	3	4,3%	8,6%

Diferencial dos produtos fabricados	Respostas		Porcentagem de casos
	Número de respostas	Porcentagem	
Orgânico	6	8,6%	17,1%
Qualidade do produto	7	10,0%	20,0%
Sabor do produto	21	30,0%	60,0%
Saudável	2	2,9%	5,7%
Total	70	100,0%	

Fonte: Dados da pesquisa.

Obs: O número de citações é maior que o número de agroindústrias, devido às respostas múltiplas.

Quanto à forma de comercialização, verificou-se que a venda através de bloco de produtor é a mais utilizada, com cerca de 70,7%, seguida de Firma Individual (14,6%) e em sociedade (9,8%), enquanto apenas 2 agroindústrias não têm registro, fazem venda informal.

Na Tabela 11, são apresentados os principais pontos e alternativas de comercialização indicados pelas agroindústrias familiares pesquisadas. A venda direta, os programas institucionais e a feira são os principais itens citados. De acordo com esta informação relacionada aos principais locais de comercialização, torna-se justificável a grande porcentagem da venda com bloco de produtor (venda formalizada), já que os produtores comercializam com os programas institucionais.

Outro aspecto que pode ser identificado, quanto à comercialização, é que os pontos são concentrados no próprio município, já que a maior parte é comercializada na feira (30%), direto ao consumidor (30%), programas institucionais (26%) e nos supermercados (13%).

Gazolla (2017) afirma que uma das dificuldades é expandir redes de comercialização e consumo locais, nos pequenos municípios (*scale up* das experiências).

Os resultados identificados na Tabela 11 reforçam os achados na pesquisa de Spanevello et al (2019), que identificaram, quanto aos canais de comercialização das agroindústrias familiares pesquisadas, uma diversificação de segmentos, ou seja, cada agroindústria possui mais de um canal em que comercializa seus produtos (feiras, vendas a domicílio, supermercados e escolas, entre outros).

Tabela 11 – Pontos de Comercialização de 35 agroindústrias familiares (2015-2018)

Pontos de Comercialização	Respostas		Porcentagem de casos
	N	Porcentagem	
Feira	30	30,3%	85,7%
Mercado	13	13,1%	37,1%
Venda Direta Consumidor	30	30,3%	85,7%
Programas Institucionais	26	26,3%	74,3%
Total	99	100,0%	

Fonte: Dados da pesquisa.

Obs: O número de citações é maior que o número de agroindústrias, devido às respostas múltiplas.

Matei e Silva (2015) também identificaram, em seu estudo, que a comercialização direta é a forma mais comum entre estes empreendimentos, valorizando a venda no estabelecimento e em feiras, mas também inserindo os produtos em mercados e lojas.

A diversificação nos pontos de comercialização, embora concentrada apenas no município, é um ponto positivo, pois demonstra a autonomia dos agricultores para escolher os mercados de

seus produtos, já que, caso não se enquadrem em um dos mercados, terão outros em que possam se proteger em épocas de crises (HAHN et al., 2017)

Com relação à marca dos produtos, cerca de 62% das agroindústrias familiares possuem rotulagem para seus produtos. Isso indica que os agricultores possuem a percepção da importância de identificar seus produtos, criando uma identidade própria, para fidelizar os consumidores.

Um estudo, aplicado em agroindústrias familiares da região das Missões do Rio Grande do Sul, em 2017, identificou que os proprietários fizeram investimentos na impressão de rótulos, para destacar a identidade da agroindústria familiar (ANES, 2017).

Sobre as principais dificuldades nas atividades de agroindústria, conforme a Tabela 12, a falta de mão de obra e a construção/ampliação ou adequação de um ambiente e a falta de equipamentos foram as mais citadas.

Tabela 12 – Dificuldades na condução das 35 agroindústrias familiares (2015-2018)

Dificuldades encontradas	Respostas		
	Número de respostas	Porcentagem de casos	
Adequação da Receita	2	3,8%	5,7%
Capital de giro	1	1,9%	2,9%
Concorrência	1	1,9%	2,9%
Construção de ambiente adequado	6	11,3%	17,1%
Criação de produtos novos	1	1,9%	2,9%
Divulgação	2	3,8%	5,7%
Falta de equipamentos	4	7,5%	11,4%
Falta de mão de obra	15	28,3%	42,9%
Insetos	1	1,9%	2,9%
Irrigação	1	1,9%	2,9%
Legalização	1	1,9%	2,9%
Logística	2	3,8%	5,7%

Dificuldades encontradas	Respostas		
	Número de respostas	Porcentagem de casos	
Padronização da matéria-prima	1	1,9%	2,9%
Pontos de comercialização	2	3,8%	5,7%
Preço das embalagens	1	1,9%	2,9%
Preço dos produtos	3	5,7%	8,6%
Rótulo	2	3,8%	5,7%
Não apresentou dificuldades	1	1,9%	2,9%
Preço da matéria-prima	1	1,9%	2,9%
Qualidade da matéria-prima	3	5,7%	8,6%
Falta de matéria-prima	2	3,8%	5,7%
Total	53	100,0%	

Fonte: Dados da pesquisa.

Obs: O número de citações é maior que o número de agroindústrias, devido às respostas múltiplas.

O estudo de Amorim e Staduto (2008), identificou que, das 40 agroindústrias pesquisadas, 65% dos entrevistados atribuíram à falta de recursos o alto custo para instalação e manutenção de uma agroindústria (principalmente derivados de animais); os demais 35% encontram outras dificuldades, como: enquadramento na vigilância sanitária; manutenção da qualidade do produto; produção em pequena escala; falta de maquinários e equipamentos adequados às pequenas agroindústrias; alto custo da embalagem, e falta de matéria-prima para o ano todo, corroborando os achados desta pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou caracterizar um grupo de agroindústrias familiares do Oeste do Paraná: processo de agroindustrialização familiar, desde a constituição da agroindústria, mão de obra, poten-

cialidades, problemas enfrentados na atualidade, legislação, produção e origem de matéria-prima, custos e preços, tipos de produtos comercializados e outros dados relevantes.

A partir da caracterização dessas agroindústrias familiares rurais, podem-se identificar algumas características comuns à maioria das unidades agroindustriais, citadas por Bonamigo e Schneider (2007): as agroindústrias utilizam pouco espaço físico para a fabricação dos produtos; a produção das agroindústrias está voltada, sobretudo, a mercados locais; os membros da família, na maioria dos casos, estão envolvidos na produção, mostrando que a mão de obra, geralmente, é familiar e os fatores de produção são baseados na prática agropecuária.

Uma das características a ser destacada nestes empreendimentos é a grande relevância do trabalho e da gestão por parte do próprio núcleo familiar, pois apenas 22,9% da amostra contratam mão de obra terceirizada. Nas agroindústrias, conforme Carvalheiro (2010, p.78), “a família possui o controle dos meios de produção – terra, instrumentos de trabalho e mão de obra – sendo ela a principal responsável, (mas não única) pelo trabalho na agroindústria”.

As agroindústrias caracterizadas são constituídas por pequenos produtores rurais que produzem alimentos de origem vegetal e animal (orgânicos ou não), além de massas e produtos de panificação. Esses produtores são micro e pequenos empresários que ofertam produtos ligados à cultura local.

A transformação destes produtos ocorre de forma artesanal, em pequenas e médias instalações. Em sua grande maioria, trata-se de produtos com processamentos simples, mas que apresentam um potencial de agregação de valor significativo.

A maior parte encontra-se legalizada, já que é comercializada com programas institucionais, feiras e mercado local. Identificou-se que a renda da agroindústria é a única fonte de renda em apenas 02 casos. Nos demais, todos os produtores possuem outras rendas. Conforme Mior (2005), o produtor familiar busca revalorizar sua matéria-prima, como um dos componentes fundamentais de sua estratégia de reinserção econômica e social, pois essa matéria-prima é utilizada para a produção de novos produtos, tornando-o um pequeno empreendedor.

Os produtores atendem os aspectos legais, tanto do ponto de vista sanitário como do ambiental e do fiscal, perante os organismos de regulação pública. Têm conhecimento das boas práticas de fabricação e valorizam a importância da higiene e uso dos EPIs. A qualidade sanitária associada ao processo de produção é uma medida importantíssima e que, gradativamente, deve ser apresentada em todas as agroindústrias. Fortalecer este aspecto da qualidade dos produtos da agricultura familiar torna possível construir uma imagem positiva desses produtos, frente aos consumidores.

Com o conjunto de empresas estudadas e comparação com outros estudos, possibilita-se considerar que a agroindústria é uma estratégia de reprodução social e desenvolvimento rural importante da agricultura familiar, pela geração de renda e diversificação das atividades. A continuidade da trajetória da agroindústria familiar dependerá da capacidade dos agricultores de manter e aprimorar esta forma de organização e, ao mesmo tempo, fortalecer a inserção regional em novas cadeias produtivas.

O meio rural tem se caracterizado como um desafio em potencial para a formulação de políticas públicas e a manutenção dos empreendimentos agropecuários sustentáveis. Novos meios de cultivos para obter maior rentabilidade podem se constituir em estímulo para a sequência das atividades agroecológicas, por meio das sucessões familiares, bem como em atrativo, para novos empreendedores. São desafios para a realidade no meio rural.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. São Paulo: EDUSP, 2007.

AMORIM, L.S.B.; STADUTO, J.A.R. Desenvolvimento territorial rural: a agroindústria familiar no Oeste do Paraná. **Revista de Economia Agrícola**, São Paulo, v. 55, n. 1, p. 15-29, jan./jun. 2008.

ANES, C. E. R. **Pensamento instrumental e substantivo na dinâmica produtiva das agroindústrias familiares na Região das Missões – RS.** Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) UNISC, Santa Cruz do Sul, 2017.

ANES, C.E.R.; DEPONTI, C.M.; AREND, S.C. **As racionalidades instrumental e substantiva na dinâmica produtiva das agroindústrias familiares na região das Missões.** Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional. G&DR • v. 14, n. 2, p. 107-132, jan/2018.

BATALHA, M. O.; BUAINAIN, A. M.; SOUZA FILHO, H. M. **Tecnologia de gestão e agricultura familiar.** In: SOUZA FILHO, H. M.; BATALHA, M. O. (Orgs.). Gestão integrada a agricultura familiar. São Carlos: Edufscar, 2005.

BASTIAN, L. WAQUIL, P.D. AMIN, M.C. GAZOLLA, M. **Agroindústrias rurais familiares e não familiares: uma análise comparativa.** REDES, Santa Cruz do Sul, v. 19, nº 3, p. 51 - 73, set./dez. 2014

BIOLABORE - **Cooperativa de Assistência Técnica do Paraná.** Disponível em: <<http://biolabore.org/site/>>. Acesso em 15 ag. 2019.

BONAMIGO, C. A.; SCHNEIDER, C. R. **Revisitando a história: a revolta dos posseiros de 1957 no Sudoeste do Paraná.** Francisco Beltrão: Grafisul, 2007. Análise socioeconômica das agroindústrias da BP3 – marco III. Março, 2018.

BRASIL, **Política Nacional de Agricultura Familiar.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111326.htm>. Acesso em: 20 mai 2019.

CARVALHEIRO, E.M. **A construção social de mercados para os produtos da agroindústria familiar.** Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural – Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Porto Alegre, 2010, 214 f.

CASAGRANDE, A. E.; DE SOUZA, E. B. C. **Do planejamento ao ordenamento territorial: estudo da região costa oeste do Paraná.** Raega. O Espaço Geográfico em Análise, 2013, 28: 67-85.

DEPONTI, C.M. **Teoria social e o lugar da agricultura familiar na sociedade contemporânea: estudo analítico-comparativo das contribuições brasileiras ao debate.** Anais do XLV Congresso da SOBER - Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 2007.

DOTTO, M.L.G.; PLEIN, C.; HEIN, A.F.; ZANCO, A.M.; FARIÑA, L.O. As alternativas para agricultura e a agroindústria familiar rural e as contribuições ao desenvolvimento rural sustentável (DRS). **Braz. J. of Develop.**, Curitiba, v. 4, n. 6, p. 3352-3370, out./dez. 2018.

FAO (2014a). **The State of Food and Agriculture - Innovation in family farming.** Rome, Italy, 161 p.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184p.

HAHN, C. L.; CASARIN, V.A.; SANTOS, A.V.; MIRANDA, R.L.; ORTIZ, L.C.V. **Análise de mercado dos produtos da agroindústria familiar: Estudo de caso do perfil do consumidor e do produtor Santo-Angelense – Rio Grande do Sul – Brasil.** *Espacios*, v.38, n.21, p.5, Caracas, 2017. Disponível em: <<http://www.revistaespacios.com/a17v38n21/a17v38n21p05.pdf>>. Acesso em: 17 dez. 2019.

GAZOLLA, M. **Conhecimentos, produção de novidades e ações institucionais: cadeias curtas das agroindústrias familiares.** Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural – PGDR-UFRGS. Porto Alegre, 2012.

GAZOLLA M.; NIEDERLE, P.A.; WAQUIL, P.D. Agregação de Valor nas Agroindústrias Rurais: uma análise com base nos dados do Censo Agropecuário. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n.122, p.241-262, jan./jun. 2012.

GAZOLLA, M. PELEGRINI, G. As experiências familiares de agroindustrialização: uma estratégia de produção de novidades e de valor agregado. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 361-388, nov. 2011.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Populacional. 2010**. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em 12 fev 2020.

_____. **Censo agropecuário: resultados definitivos** / IBGE 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/3096/agro_2017_resultados_definitivos.pdf>. Acesso em 02 ab. 2020.

INCRA - INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. Novo retrato da Agricultura Familiar: o Brasil redescoberto. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=26131>>. Acesso em: 02 jun. 2019.

IPARDES - INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. **Perfil Avançado dos Municípios**. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/index.php?pg_conteudo=1&cod_conteudo=29>. Acesso em 13 nov. 2019.

_____. **Caderno Estatístico do município de Céu Azul, 2019**. Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=85988&btOk=ok>>. Acesso em 15 mai. 2019.

_____. **Caderno Estatístico do município de Entre Rios do Oeste, 2019**. Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=85988&btOk=ok>>. Acesso em 15 mai. 2019.

_____. **Caderno Estatístico do município de Guaíra, 2019**. Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=85988&btOk=ok>>. Acesso em 15 mai. 2019.

_____. **Caderno Estatístico do município de Matelândia, 2019**. Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=85988&btOk=ok>>. Acesso em 15 mai. 2019.

_____. **Caderno Estatístico do município de Medianeira, 2019**. Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=85988&btOk=ok>>. Acesso em 15 mai. 2019.

_____. **Caderno Estatístico do município de Pato Bragado, 2019**. Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=85988&btOk=ok>>. Acesso em 15 mai. 2019.

_____. **Caderno Estatístico do município de Vera Cruz do Oeste, 2019**. Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=85988&btOk=ok>>. Acesso em 15 mai. 2019.

_____. **Caderno Estatístico do município de São Pedro do Iguaçu, 2019**. Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=85988&btOk=Ok>>. Acesso em 15 mai. 2019.

KARNOPP, E.; VOGT, O.P.; BERNARDY, R.J.; ETGES, V.E. Agroindústrias familiares no sul do Brasil: o território na perspectiva do desenvolvimento. **Revista de Desenvolvimento Econômico**, v. 2, n. 34, p. 666-684, 2016.

MDA, Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Programa de Agroindustrialização da Produção dos Agricultores Familiares – 2003/2006**.

MALUF, R. S. **Agricultura Familiar: multifuncionalidade e desenvolvimento territorial no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARSDEN, T. New rural territories: regulating the differentiated rural spaces. **Journal of Rural Studies**. v.14, n.1, p. 107-117, 1998.

MATEI, A. P.; SILVA, L. X. da. Inovação. Agroindústrias Familiares e Sistemas Agroalimentares Locais na Serra Gaúcha. **Revista IDEAS**, v. 9, n. 2, p. 8-44, 2015.

MIOR, L.C. **Agricultores familiares, agroindústrias e território: a dinâmica das redes de desenvolvimento rural no Oeste Catarinense**. 2003. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

_____. **Agricultores familiares, agroindústrias e redes de desenvolvimento rural**. Chapecó: Argos, 2005. 338 p.

PELEGRINI, G.; GAZOLLA, M. **A agroindustrialização da produção como estratégia de reprodução social da agricultura familiar**. In.: Cadernos do Ceam/Estudos Rurais III / Flávio Borges Botelho Filho (organizador) – Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, Núcleo de Estudos Agrários – v. 8. n. 32, 2008.

PLEIN, C. **Capitalismo, agricultura familiar e mercantilização**. Informe Gepec, Toledo, v. 14, n. 2, p. 96-111, jul./dez. 2010.

PREZOTTO, L. L. **Uma concepção de agroindústria rural de pequeno porte**. Revista de Ciências Humanas. EDUFSC. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis. n. 31, abr. 2002. p.133-154.

RAMOS, P. Propriedade, estrutura fundiária e desenvolvimento (rural). **Estudos Avançados**, v.15, n. 43, p. 141-156, 2001.

RUIZ, M. S.; VENTURINI, V.; CAMBERLIN, W.; LYRA, J.R.M.; UCHOA JR. P.P.M. **Agroindústria familiar de Londrina-PR**. 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/Notebook/Downloads/1401-Texto%20do%20artigo-5413-1-10-20150706.pdf>. Acesso em: 01 Abril 2020.

SILVA, J.B.; GILES, A. **Pronaf Agroindústria**. SDR/MA. Brasília, 1998. 48p.

SCHNEIDER, S. **A presença e as potencialidades da agricultura familiar na América Latina e no Caribe**. Redes (St. Cruz Sul, Online), v. 21, nº 3, p. 11 - 33, set./dez. 2016.

SCHINAIDER, A.D.; BEZERRA, G. J.; SANTOS JUNIOR, L.E.; ATIYEL, C.; CAPISTRANO, M.O.W. **AGROINDÚSTRIA: CONCEITOS E RELAÇÃO COM O DESENVOLVIMENTO RURAL** Gestão e planejamento de agroindústrias familiares [recurso eletrônico] / organizadoras Daniela Garcez Wives [e] Daniela Dias Kühn; coordenado pela SEAD/UFRGS. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018.

SPANEVELLO, R.M.; DUARTE, L.C.; SCHNEIDER, C.L.C.; MARTINS, S.P. Agroindústrias rurais familiares (ARFs) como estratégia de reprodução socioeconômica da agricultura familiar nos municípios de Santo Augusto e Campo Novo – RS. **Redes** (Santa Cruz do Sul. Online), v. 24, n. 3, p.198-216, setembro-dezembro, 2019

TRENTIN, I.C.L. **O Pró-Rural 2000 como Política Pública de Combate à Pobreza Rural**. Porto Alegre: UFRGS Dissertação de Mestrado do PGDR. 2001. 135 p.

VEIGA, J. E.; FAVARETO, A.; AZEVEDO, C.M.A.; BITTENCOURT, G.; VECCHIATTI, K.; MAGALHÃES, R.; JORGE, R. **O Brasil rural precisa de uma estratégia de desenvolvimento**. Brasília: Convênio FIPE-IICA(MDA/CNDRS/NEAD), 2001. 108 p.

WANDERLEY, M.N.B. O campesinato brasileiro: uma história de resistência. **Rev. Econ. Sociologia Rural** [online], v.52, n. 1, p.25-44, 2014.

WESZ JR. V.J.; TRENTIN I.C.L.; FILIPPI, E. E. **Os reflexos das agroindústrias familiares para o desenvolvimento das áreas rurais no Brasil**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LA RED SIAL, 4., Argentina, Mar Del Plata, 27 a 31 de outubro de 2008.

WILKINSON, J. A contribuição da teoria francesa das convenções para os estudos agroalimentares: algumas considerações iniciais. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v.20, n. 2, p. 64-80, 1999.

_____. **A pequena produção e sua relação com os sistemas de distribuição**. In: SEMINARIO POLÍTICAS DE SEGURIDAD ALIMENTARIA Y NUTRICIÓN EN AMÉRICA LATINA. Campinas/SP, Campinas: UNICAMP.

WILKINSON, J. **O estado, a agricultura e a pequena produção** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008, 229 p.